



Conhecimento popular sobre o uso plantas medicinais no assentamento Agrocasa, em São Francisco do Pará, Pará, Brasil

Popular knowledge on the use of medicinal plants in the Agrocasa settlement, in São Francisco do Pará, Pará, Brazil

RODRIGUES, Aline de Nazaré Cardoso^{1,2}; MARTINS, José Gabriel dos Santos^{1,3}; TEIXEIRA, Késsia da Silva^{1,4}; MAUÉS, Thamires Monteiro Silva^{1,5}; SANTOS, Esmailson Moreira dos^{1,6}; ROSAL, Louise Ferreira^{1,7}

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Castanhal – Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia da Amazônia – NEA; ²alineagronomia2012@gmail.com; ³gabriel.agronomiaifpa@gmail.com; ⁴kessiagro@gmail.com; ⁵thamiresmonsilva@gmail.com; ⁶esmailson.moreira@gmail.com; ⁷louiserosal@gmail.com

Tema Gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pelos moradores do Assentamento Agrocasa, em São Francisco do Pará/PA, com o intuito de registrar e preservar o saber local. Utilizou-se a técnica de amostragem bola de neve aliada a entrevistas com questionários semiestruturados. Entrevistou-se 7 informantes-chave. Foram citadas 33 plantas medicinais. As mais representativas foram cidreira, mastruz, arruda, babosa, boldo, capim-santo e verônica. As folhas e os chás foram a parte e a forma de uso mais citadas, respectivamente. As formas de manipulação mais utilizadas foram decocção e infusão. Relatou-se ainda o uso combinado de diversas plantas com produtos como mel e leite, bem como com produtos inusitados como “casa de cupim”. Conclui-se que os moradores do Assentamento Agrocasa possuem conhecimentos relevantes sobre o uso de plantas medicinais, os quais fazem parte da cultura local, de modo que esses saberes devem ser valorizados. Ressalta-se a necessidade de estudos complementares para ampliar o acervo de saberes populares registrados.

Palavras-chave: Saberes locais; Etnobotânica; Medicina popular.

Abstract

The objective of this work was to carry out an ethnobotanical survey on the medicinal plants used by the residents of the Agrocasa Settlement, in São Francisco do Pará / PA, in order to register and preserve local knowledge. The technique of snowball sampling was used in conjunction with semi-structured questionnaires. We interviewed 7 key informants. There were 33 medicinal plants cited. The most representative were cidreira, mastruz, rue, slug, boldo, santo and verônica grass. The leaves and teas were the most cited part and form of use, respectively. The most used forms of manipulation were decoction and infusion. The combined use of several plants with products such as honey and milk, as well as with unusual products like “termite house” was also reported. It is concluded that the residents of Agrocasa Settlement have relevant knowledge about the use of medicinal plants, which are part of the local culture, so that these knowledges should be valued. It is important to highlight the need for complementary studies to increase the number of popular knowledge recorded.

Keywords: Local knowledge; Ethnobotany; Popular medicine.



Introdução

O uso de plantas para fins medicinais é uma arte que acompanha a humanidade desde tempos remotos. Em Resumo, essa prática é fruto da experiência das pessoas com o meio botânico que as envolve e, tem como principal mecanismo de perpetuação o acúmulo e o repasse de saberes, de geração a geração, através da linguagem oral. São conhecimentos validados não somente pela aplicação empírica, mas também pela Ciência. Ademais, esses saberes oferecem pistas interessantes a uma modernidade alternativa, haja vista que, geralmente, estão relacionados a formas socioculturais capazes de conservar seus recursos naturais.

Em linha gerais, as comunidades rurais brasileiras guardam conhecimentos significativos sobre o uso das plantas medicinais. Muitas dessas comunidades têm nas plantas o seu principal recurso terapêutico, seja pelo baixo poder aquisitivo das famílias ou da distância aos centros urbanos, seja por fatores culturais. Contudo, ao passo que a relação com a terra é transformada pela modernização do campo, a rede de repasse de conhecimento sobre plantas pode sofrer alterações, sendo, neste caso, necessário fazer o resgate desse saber (PILLA; AMOROZO; FURLAN, 2006). Nesse sentido, os levantamentos etnobotânicos visam registrar os conhecimentos e aspectos culturais relativos ao uso de recursos vegetais. Ademais, o aprofundamento desses saberes pode confirmar a ação das plantas, favorecendo o uso seguro das mesmas, bem como ampliar as possibilidades terapêuticas da medicina convencional.

Por vocação da sua biodiversidade, a Amazônia representa um campo fecundo para pesquisas deste caráter. Nesse cenário, insere-se o Assentamento Agrocasa, situado em São Francisco do Pará/PA. A agricultura de base familiar é a principal atividade desenvolvida no assentamento. Essa proximidade com a terra e a cultura local dão fortes indícios de que seus moradores detêm saberes sobre plantas medicinais. A partir destas considerações, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pelos moradores do Assentamento Agrocasa, em São Francisco do Pará/PA, com o intuito de registrar e preservar o saber local.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido no Assentamento Agrocasa, situado em São Francisco do Pará/PA, no mês de novembro de 2016. A comunidade possui cerca de 80 famílias, 600 ha e localiza-se na PA-320, a cerca de 13 km da sede do município. O acesso ao local é feito através dos ramais da Vila Modelo ou da Vila Jambu-Açu. A pesquisa foi do tipo descritiva e abordagem qualitativa (ALBUQUERQUE, 2005).



Utilizou-se a amostragem “bola de neve”, uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referências. Segundo Vinuto (2014), neste método são identificados informantes-chave denominados “sementes”, afim de que estes indiquem pessoas com perfil de referência. A primeira “semente” foi indicada por moradores conhecidos por um dos pesquisadores. O primeiro entrevistado indica o seguinte, e assim por diante, até que as respostas atinjam o nível de saturação. Em campo, foi explicada a relevância da pesquisa e somente mediante autorização dos participantes, prosseguiu-se a coleta de informações através de entrevistas utilizando questionários semiestruturados (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010). Após a identificação socioeconômica, conduziu-se a entrevista semiestruturada.

Os dados obtidos foram planejados no Microsoft Excel 2007 e analisados mediante estatística descritiva.

Resultados e discussão

Foram entrevistados 7 moradores, sendo 6 mulheres. No trabalho de Maia et al. (2011) as mulheres também foram a maioria dos entrevistados. Possivelmente, o conhecimento popular sobre plantas medicinais – no meio rural – se concentre nas mulheres por sua rotina estreitamente relacionada ao trabalho doméstico, às atividades desenvolvidas nos quintais e ao cuidado com a família (FREITAS et al., 2012). A idade média geral dos entrevistados foi de 51 anos. Estudos têm constatado que o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais se concentra em pessoas com idade em torno de 50 anos, independente da região do país (CALÁBRIA et al., 2008; MAIA et al., 2011). Possivelmente esse padrão tenha relação com a vivência dessas pessoas em uma época – e/ou com pessoas dessa época – onde o acesso a outros meios terapêuticos era restrito. Em São Francisco do Pará, por exemplo, até o ano de 1968 os atendimentos de saúde eram feitos pelo proprietário da única farmácia da cidade ou por benzedeiras, que receitavam remédios caseiros (MACÊDO, 2005).

As plantas medicinais são o principal recurso terapêutico a maioria dos entrevistados (6), embora todos usem medicamento alopáticos. Os entrevistados se denominaram como raizeira (1), erva (1), agricultor (1) e agricultora (4). A maioria dos informantes (5) não comercializa plantas medicinais nem produtos fitoterápicos. A erva e a raizeira relataram vender garrafadas a quem as procure, embora a atividade não seja a principal fonte de renda delas. No trabalho de Calábria et al. (2008), a garrafada também foi citada como o único fitoterápico comercializado. Todos os entrevistados repassam



seus conhecimentos a alguém, inclusive aqueles que comercializam fitoterápicos. Esses saberes são transmitidos a familiares, vizinhos, amigos e a quem precise. Calábria et al. (2008) exibem Resultados semelhantes.

Ao todo, foram citadas 33 plantas medicinais. As plantas mais citadas foram cidreira, mastruz, arruda, babosa, boldo, capim-santo e verônica. A cidreira, a arruda, o boldo, a babosa e o mastruz também estão entre as plantas medicinais mais usadas por comunidades rurais paraenses (RIBEIRO et al., 2007; LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007). A maioria das plantas citadas é cultivada em quintais (69%). É comum o cultivo de ervas medicinais nos espaços que contornam a casa, em função da facilidade de acesso ao recurso terapêutico, do maior controle sobre os cuidados que as plantas demandam e pela relação afetiva que as pessoas estabelecem com as ervas, por isso, procuram estar próximas daquelas consideradas mais importantes para a manutenção dos cuidados básicos da família. As plantas herbáceas são as mais frequentes (42%) e também as mais cultivadas nos quintais. Guarim Neto e Amaral (2010) apontam que o cultivo de plantas medicinais de hábito herbáceo é frequente em quintais, tanto por demandarem pouco espaço como pela facilidade de coleta das partes vegetais para o uso.

Os sintomas/doenças mais tratados com plantas foram dor de cabeça, inflamações no útero, gripe, cólica e febre. As partes vegetais mais usadas foram as folhas (65%). Diversas publicações tem apontado as folhas como a parte vegetal mais explorada na medicina popular (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007; CAJAIBA et al., 2016). A folha é o órgão vegetal mais abundante, de fácil colheita e manipulação. Nem sempre é a parte que concentra a maior quantidade de princípios ativos, porém a facilidade na aquisição faz com que se destaque perante os demais. O chá (54%) foi a forma de uso mais citada. Segundo Albuquerque (2010), o chá é um dos preparados mais comuns na medicina tradicional, sendo utilizado por indivíduos de diferentes grupos populacionais. A preparação é simples e permite a extração de muitos princípios ativos vegetais.

As formas de manipulação mais utilizadas foram decocção e infusão, confirmando estudos de Cajaíba et al. (2016). Segundo a erveira, a infusão é utilizada para plantas mais “melindrosas” (delicadas), como as ervas, enquanto a decocção é usada para o preparo de partes mais rígidas, como cascas, cipós e “folhas grossas”. Relatou-se ainda o uso combinado de diversas plantas medicinais e o uso de plantas medicinais junto a produtos como mel, cachaça, leite e andiroba, ou a coisas inusitadas como nas receitas de alho-roxo com “casa de cupim”, de mastruz com mel e carvão, de trevo-roxo com “leite de peito” e de gergelim-preto com minhocas fritas no azeite de oliva. No



que se refere às possibilidades de misturas, as plantas mais versáteis foram o mastruz, o malvarisco, a canela, a cabacinha, a verônica, o gergelim-preto, o elixir paregórico, o capim-santo e a hortelã.

Vale destacar que, dependendo da quantidade, forma de administração, misturas e frequência de uso, uma planta medicinal pode transformar-se em tóxica para determinado organismo (DUTRA, 2009). São plantas com substâncias bioativas que promovem ações e reações no organismo humano. Por isso, a importância de usá-las apenas quando houver necessidade e de forma comedida.

Conclusão

Verificou-se que os moradores da comunidade Agrocasa possuem conhecimentos relevantes sobre o uso de plantas medicinais, demonstrados nas diferentes indicações e formas de uso desses recursos. Ademais, a presença de agentes culturais (erveira e raizeira) evidencia a estreita ligação entre o uso das plantas medicinais e a cultura local, de modo que tal prática deve ser valorizada, preconizando sempre a conservação dos recursos vegetais. Por fim, ressalta-se a necessidade de mais pesquisas, a fim de ampliar este acervo de saberes, assim como ampliar as percepções sobre as questões que permeiam o tema em análise.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. de P; ALENCAR, N. L.; Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de, LUCENA, R. F. de P, CUNHA, L. V. F. C. da (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**, Recife, PE: NUPPEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. **Catálogo de plantas medicinais da Caatinga**: guia para ações de extensão. Bauru, SP: canal 6, 2010. 68.p

CAJAÍBA, R. L. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Uruará, Pará, Brasil. **Revista Biotemas**, Pará, v. 29, n. 1, p. 115-131, 2016.

CALÁBRIA, L. et al. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.



DANTAS, C. F. N.; FERREIRA, R. S. Os conhecimentos tradicionais dos (as) erveiros (as) da Feira do Ver-o-Peso (Belém, Pará, Brasil): um olhar sob a ótica da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 2, p. 105-125, 2013.

DUTRA, M. G. Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás. 2009. 112 p. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) Centro Universitário de Anápolis UniEvangélica, Anápolis.

FREITAS, A. V. L. et al. Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 147, 2012.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. 2010. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotanica**, 29: 191-212.

LEÃO, R. B. A.; FERREIRA, M. R. C.; JARDIM, M. A. G. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.

MACÊDO, M. C. R. **A História do Município de São Francisco do Pará**. São Francisco do Pará, Pará: [s.n.], 2005. 56 p.

MAIA, E. A. et al. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Paraíba, v. 11, n. 1, p. 54-59, 2011.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M C de M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

RIBEIRO, A. S. S. et al. Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará. **Acta amazônica**, Amazonas, v. 37, n. 2, p. 235-240, 2007.

VINUTO, J. A. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.